

## 17. O sentido de si como "eu" redimido

O Inominado, como Zaqueu, renasceram graças a duas realidades entradas em suas vidas: um chamado e uma companhia; um chamado e um encontro que iniciaram um acompanhamento. Sim, como Jesus comenta após a conversão de Zaqueu: "O Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido" (Lc 19, 10).

Deus nunca cessa de buscar o homem, cada homem, em todos os modos e através de tudo, chamando-o, oferecendo-lhe um chamado que atrai seu coração para fora de si, atrai seu coração para desejar o infinito, a vida e felicidade verdadeiras.

Mas o chamado não é suficiente, e Deus sabe. Cristo chama não só para ir a Ele: chamar a *seguí-lo*, isto é, oferece um caminho com Ele, sobretudo Seu caminho conosco, Seu acompanhar na estrada da vida até sua plenitude.

O Deus que busca e chama na multidão um homem que deseja a vida e dias felizes, São Bento coloca em cena no início, no Prólogo, da Regra. Isto significa que ao chamado segue a oferta de um caminho acompanhado, para que a vida e o coração cresçam nesta experiência.

Os exemplos do "eu" degenerado, "arrastado", que dei, descrevem o nosso "eu" presuntuoso ou mesquinho, mesquinho por que presunçoso e apegado em mil defesas. É este "eu" miserável e perdido, que não sabe mais quem é e nem que deseja a felicidade, que o Mistério veio buscar, *in multitudine populi*. Foi o "eu" de Pedro que Cristo veio buscar, acompanhar e corrigir, até a total maturidade de si, de dar a vida por um Outro, testemunhando um Outro. *O "eu" maduro é o "eu" redimido*, que permite a Cristo sofrer, morrer e ressuscitar por nós, para nos salvar, para realizar toda a exigência do nosso coração.

O "eu" redimido que une em uma comunhão fraterna irreduzível. Pensem na unidade entre o "eu" do Cardeal Federigo e o "eu" do Inominado. Dois homens completamente diferentes, absolutamente opostos. No entanto, a santidade de um e a conversão do outro, dava a ambos uma identidade comum: a Redenção, o ser redimido por Cristo. A Redenção perfeita do pastor envelhecido na ascese, na caridade e pureza, e a Redenção, igualmente perfeita, do culpado abraçado pela misericórdia de Deus, após uma vida de ódio e pecado. Não há diferença de identidade. É como entre Maria Santíssima e Madalena aos pés da Cruz. A Redenção cria entre nós uma unidade, comunhão, tornando inconsistentes todos os outros aspectos que nos diferenciam.

O "sentido das coisas de Deus" que Jesus pediu a Pedro energicamente, era o sentido da Redenção, um sentido de Cristo como Redentor e um sentido de si como homem redimido por Cristo.

O "eu" redimido, o "eu" do Cardeal Federigo, transmite redenção, comunica a misericórdia de Cristo Redentor do homem. Esta comunicação é a fecundidade virginal, a fecundidade monástica transmitida a todas as formas de consagração virginal, para que não seja a carne a gerar, mas a Encarnação redentora. Aos pés da Cruz, Maria e João recebem o ministério desta fecundidade, fecundidade das novas relações, no Sangue do Redentor.

A isto se opunha, de modo instintivo, Pedro: não desejava que Cristo gerasse a humanidade com a morte e a ressurreição. Desejava através de uma fecundidade humana, sucesso humano, realizado por meio que temos em mãos, mas que não são dons do Espírito emanado pelo Crucifixo, morrendo por nós, amando até o fim, até a realização final. E a realização final é o Seu amor, doando a vida por nós e o nosso amor recebendo tudo Dele, até o amor infinito com o qual somos mandados a gerar o mundo inteiro à vida filial, transmitindo a nova vida que nos foi dada, vida redimida, a vida de filhos de Deus.

Portanto, não se trata mais de *auto expressão*, a mesma que nauseou o arquiteto de Graham Greene, a fertilidade pretensiosa de nós mesmos e para nós mesmos, tornando estéril a paternidade e maternidade de Cristo em nós: "A auto expressão devora no homem também o pai". Papa Francisco falaria de "auto referencialismo".

"Tenhais em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus", escreve São Paulo aos Filipenses, usando o verbo *phronein*. Foi a isto que Jesus admoestou Pedro, dizendo-lhe de não ter sentimentos segundo Deus, mas segundo os homens. E quais são os sentimentos de Cristo, qual é o "sentir" de Cristo, o sentido da realidade que Cristo tem, qual é a sabedoria de Cristo, qual é o gosto da vida de Cristo? Paulo o explica com um hino, provavelmente recebido da Igreja primitiva, mostrando a consciência do mistério emergido imediatamente após a Páscoa:

"Sendo ele de condição divina,  
não se prevaleceu de sua igualdade com Deus,  
mas esvaziou-se de si, assumindo a condição de escravo  
e assemelhando-se aos homens.

E, sendo exteriormente reconhecido como homem,  
humilhou-se ainda mais,  
tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.

Por isso Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes,  
para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu,  
na terra e debaixo da terra.

E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai,  
que Jesus Cristo é Senhor" (Fl 2,6-11)

Ter os mesmos sentimentos de Cristo, o sentir de Cristo na concepção de si mesmo, de Deus, do mundo, da realidade, é um deixar-se conquistar pela sua paixão, morte e ressurreição, irradiadas sobre toda a realidade, "nos céus, na terra, debaixo da terra"(Fl 2,10), pois nada escapa do amor de Deus em Cristo, morto e ressuscitado, nada escapa à Redenção. Somente nossa liberdade pode fugir e retirar-se à face redimida do universo, mas para a liberdade de Deus nada e ninguém, em si, fica de fora da Redenção. É necessário realmente querer, como quis Satanás, e por isso Jesus corrige Pedro fortemente, para chacoalhar sua liberdade, para alerta-la a entender que pode não estar diante da liberdade gratuita de Deus, com uma liberdade que consente, acolhe, escuta, que se deixa penetrar em sua maneira de sentir pelos sentimentos de Deus.